

A AREP e os seus Poetas



A AREP e os seus Poetas

Título – Poemas de Associados publicados no
informarep (2008-2021)

Autor Vários

Texto de apresentação António Pita de Abreu
(Presidente da AREP)

Seleção, arranjo gráfico José Rogeiro
e nota prévia (Editor do informarep)

Capa Carlos Vaz

Edição © AREP – Associação de Solidariedade
Social dos Trabalhadores e Reformados
da EDP e da REN

Impressão Gráfica Simões & Gaspar

Junho de 2022

Índice

Apresentação <i>António Pita de Abreu</i> (Presidente da AREP)	5
Nota prévia <i>José Rogeiro</i> (Editor do <i>informarep</i>)	7
“Não digas, que não que não” <i>António Mestre</i>	9
“O prémio” <i>M. M.</i>	10
Africana, Grão de Café <i>Rogério A. Silva</i>	11
Nasci Poeta <i>Maria Gonçalves</i>	12
Tudo é vida <i>Alberto Serrão</i>	13
À analogia Humana <i>Leite dos Santos</i>	14
O Cavador <i>Rogério A. Silva</i>	15
Barragens e sonhos <i>Alfredo Martins Guedes</i>	16
As rugas de Inês <i>Valdemar Peixoto</i>	17
Amor d’uma Tricana <i>Rogério A. Silva</i>	18
Poemas & Contos <i>Maria Gonçalves</i>	19
Amor que não começou e já terminou <i>Zélia Chamusca</i>	20
Liberdade <i>Rogério A. Silva</i>	21
Central Tejo sentida <i>Jaime Quitério</i>	22
Cântico à EDP <i>Alfredo Martins Guedes</i>	24
Bravura <i>Francisco Pedro Curado Neves</i>	25
Os silêncios <i>João Cordeiro</i>	26
Destruição <i>Rogério A. Silva</i>	28
A vida terá o verdadeiro sentido <i>Zélia Chamusca</i>	29
Sonho <i>Zélia Chamusca</i>	30
A propósito do Natal e de mais um ano <i>Alonso</i>	31
Reencontro <i>José Salcedas Rogeiro</i>	32
EDP – A luz de Portugal <i>Alfredo Martins Guedes</i>	33
Tanta mediocridade <i>Zélia Chamusca</i>	34

A minha aldeia é pequenina <i>Francisco Lopes Cabaço</i>	35
A vida tem quatro estações <i>José Salcedas Rogeiro</i>	36
... Afinal <i>Sílvio Balhau Santos Pereira</i>	37
Ser velho não é defeito <i>Maria Lourenço Benavente</i>	38
Retrato <i>Casimiro Martins</i>	39
Eu estive com a vida <i>Fernando Perpétua</i>	40
Velhice <i>Amândio Marques</i>	42
Gota Pura <i>Aníbal Afonso</i>	43
Amor é... <i>Ena Camelo</i>	44
Homenagem ao Eng.º José Custódio Nunes <i>José Augusto Bagina</i>	46
Três letrinhas apenas <i>Francisco Lopes Cabaço</i>	48
Semente <i>P.º José Telmo Ferraz</i>	49
Mamã põe nas costas <i>P.º José Telmo Ferraz</i>	50
Picote <i>P.º José Telmo Ferraz</i>	51
Outra vez e sempre António Gedeão <i>Jorge Castro</i>	52
Cidade <i>José Gavina</i>	54
Eu <i>Joaquim Afonso Pereira</i>	55
A Hidouro <i>António Neves Pinheiro</i>	56
Hidouro <i>António Neves Pinheiro</i>	57
Sem título <i>Jorge Castro</i>	58
Natural mente <i>Jorge Castro</i>	59

APRESENTAÇÃO

António Pita de Abreu

A poesia é a forma mais elaborada e mais antiga de literatura.

É o expoente máximo da capacidade de sintetizar.

O poeta, em duas ou três palavras, consegue exprimir plenamente uma emoção, um sentimento ou uma vivência que, de outra forma, careceriam de muitas palavras para descrever.

Ela é também o espaço de fronteira entre a literatura e a música.

As palavras ordenam-se criando um ritmo. E é esse ritmo que, citando Óscar Lopes, acentua "*(...) uma memória que (...) irradia logos dos usos de certas palavras, em certas conexões, certas entoações, a evocar flutuantes situações de fala; memória que se ecoa através de não se sabe que interstícios comunicativos, ligados entre si (...) uma espécie de música (...)*".¹

É com muita satisfação que o primeiro livro publicado sob a égide da AREP, no período em que tenho a honra de dirigi-la, seja um livro de poesia.

Maior é o prazer pelo facto de os 25 autores de "A AREP e os seus Poetas" serem colegas da nossa Associação.

Amadores – isto é que escrevem porque amam fazê-lo – que ouçam partilhar com os outros a sua arte particular de ver o mundo, usando esta forma bela e complexa.

Embora no nosso País predomine o uso da expressão poética para transmitir a doçura, a tristeza, o lirismo e a nostalgia que vivem na alma de quem os escreve, os poemas também modulam outros temas. Muitos emergem nesta obra e recordam-me do que, sobre a poesia, um dia escreveu Eugénio de Andrade²:

./..

*... A poesia não vai à missa,
não obedece ao sino da paróquia,
prefere atirar os seus cães
às pernas de deus e dos cobradores
de impostos.
Língua de fogo do não,
caminho estreito
e surdo da abdicação, a poesia
é uma espécie de animal
no escuro recusando a mão que o chama.
Animal solitário, às vezes
irónico, às vezes amável,
quase sempre paciente e sem piedade.
A poesia adora
andar descalça nas areias do verão.*

¹ "Mãe-d'água, ou a poesia de Eugénio", in "A busca de sentido: Questões da literatura portuguesa", Óscar Lopes, 1994.

² "A poesia não vai", in "O sal na língua", Eugénio de Andrade, 1995.

NOTA PRÉVIA

José Rogeiro

*A poesia é a energia renovável
e criativa das palavras que conforta
e alimenta o sonho e a esperança*

Desde que o *informarep* começou a editar-se, em dezembro de 2007, que vários Associados da AREP têm vindo, em regra espontaneamente, a enviar poemas da sua autoria que o *informarep* tem publicado e que, no seu conjunto, assumem já uma significativa expressão.

Certamente que, no futuro, outros poemas chegarão, até porque, pensa-se, mais Associados haverá que, escrevendo poesia, tomarão essa iniciativa, enriquecendo, assim, este espólio.

Sendo, desde muito novo, apaixonado pela poesia, ocorreu-me, muito recentemente, organizar uma coletânea desses poemas¹, aliás merecida pela sua qualidade, e enviá-la aos Colegas e Associados cujos endereços de *email* conheço. Enviá-la-ia a mais, em particular aos seus autores, a maioria dos quais não conheço pessoalmente, ou aos familiares dos que já faleceram, se acaso dispusesse dos seus endereços.

Esta é, de certo modo, num tempo em que a pandemia continua a impedir-nos de comemorar o Natal e de conviver em outras ocasiões, uma forma de mitigar um pouco essa impossibilidade.

Os poemas estão ordenados pela ordem da sua publicação no *informarep*.

Dezembro de 2021

¹ Excetuando apenas os que respeitam a aniversários da AREP,



“NÃO DIGAS, QUE NÃO QUE NÃO”

António Mestre

Se baterem à tua porta
Pedindo um pouco de pão
O pouco também conforta
Não digas, que não que não
Escuta o sofrimento a dor
De quem é? Não importa
Escuta-os por favor
Se baterem à tua porta
Há tanta miséria na vida
No mundo tanta ingratidão
Tanta criança perdida
Pedindo um pouco de pão
Tens pouco na tua mão?
Fazer bem é o que importa
Migalhas também são pão
O pouco também conforta
Mesmo que só tenhas para dar
Um pouco de consolação
Não deixes ninguém penar
Não digas, que não que não

“O PRÉMIO”

M. M.

Penando, sofrendo, carpindo... eles aí estão,
Emergindo de um “mundo cão” que os não favorece!
Mas porque estão, a tua consciência agita-se e entontece
De frágil que estás p’ra sanar um mundo em contramão.
Assobias então? Daquele espinho te ilibas?... Não!
Que este é também um Mundo que crias e vestes
De acções e omissões que decerto não enalteces,
Se do cômputo da vida não te cegar a razão.
Da partilha do real não te eximirás pois sem agitação
Que a nada de transcendental te obrigarão para que comeces
Cumprindo, com vontade férrea, teu desígnio de cidadão.
Um gesto, um olhar dispensado aos que aí estão
Será conforto, será o Prémio grande que mereces...
O PRÉMIO que é, afinal, dádiva e paixão.

AFRICANA, GRÃO DE CAFÉ

Rogério A. Silva

Mulher, teu corpo negro
Angolana ou da Guiné,
Teus seios são negros
Como o grão do teu café.
Teus dentes tão brancos são
Teu cabelo tão negro é,
Tuas tranças caprichosas
Como o grão do teu café.
No olhar tens a tristeza
Tristeza do teu Bié,
Tua terra está tão longe
Como o grão do teu café.
Separada pelo mar
De Angola, Moçambique, da Guiné,
Teu pensamento está longe
Como o grão do teu café.

NASCI POETA

Maria Gonçalves

Sou poeta porque nasci poeta
é algo que sinto dentro de mim,
meu coração é uma porta aberta,
preciso de escrever, exprimir-me
com palavras sem fim.
Saem da alma que sangra de dor,
há sangue vermelho que escorre sem destino,
formando um rio infinito sem calor
como Inverno despido de amor.
Há velhos sem uma lareira a arder,
há crianças sem pão para comer
e há gente que passa a correr
sem reparar naqueles que estão a sofrer.
Chamam a isto poesia?
A mim parece-me que não.
Poesia é algo muito belo.
Poesia é gente a sorrir,
crianças a brincar,
velhos com esperança,
jardins a florir,
rios a correr para o mar,
gente a passear calmamente nas ruas,
o apito das fábricas às cinco,
o relógio da igreja a anunciar as Avé-Marias,
criança que vai nascer,
idoso que vai a enterrar,
as portas que se abrem de par em par,
janelas que se fecham quando anoitece.
Isto sim, isto é que é poesia,
a real poesia!

TUDO É VIDA

Alberto Serrão

Andam no ar
As poeiras do vento,
As aves voam
Seus caminhos
E as nuvens fogem
Sobre os mares do tempo.
Choram os regatos
Suas pedras perdidas
E as plantas embrenham-se
Em densos amores.
E tudo é vida
Na noite maravilhosa
Da solidão do infinito.
E eu, o nada
Quisera acompanhar
Os mundos da terra
Até ao mundo dos céus
E abrir para todos
Vias-lácteas de amor
Carinhosamente belas,
E viver assim
Longe de mim
Abraçado
Às estrelas.

À ANALOGIA HUMANA

Leite dos Santos

Ontem,
No campo verde chamado esperança,
Germinou a semente nasceu a planta!

Hoje,
Se tu a vires, não a pises por favor,
Deixa-a crescer, viver,
Deixa-a ser árvore!

Amanhã,
Com o teu carinho e o teu labor,
Cobrir-se-á de flores e dará frutos.

Ela, sem ti,
É como a noite sem dia.
As flores que há pouco desabrocharam
Murcharão,
As pétalas cairão por terra fria,
E os frutos morrerão!

O CAVADOR

Rogério A. Silva

Mãos doridas e calosas
São as mãos do cavador
As mãos que nunca cavaram
Não sabem o que é a dor
Trabalhando bem a terra
Duramente sem descansar
O dono colhe o suor
De quem sofre a trabalhar
Do romper ao pôr do sol
Trabalhando o cavador
Correndo o suor em seu rosto
Quem é que lhe dá valor?
Talvez um dia alguém diga
Descansa agora cavador
Já tenho cheia a barriga
Passas tu a ser senhor

BARRAGENS E SONHOS

Alfredo Martins Guedes

Também sois grandes heróis,
Gente brava... de coragem!
Sob chuva, ou fortes sóis,
Andastes de barragem, em barragem...
De Vila Nova... ao Caldeirão,
Em cada uma, sua cruz!
Carregaste, bom irmão,
Para que houvesse mais Luz!...
Se de bom aço, cimento e suor...
De pragas, desejos e Amor...
Foi feito este belo tema!...
o Lindoso é vigor ...
Aguieira uma flor...
Alqueva é um poema!

AS RUGAS DE INÊS

Valdemar Peixoto

As rugas no teu rosto
Abertas com o escopro
Manipulado sem dó
Por um raio sem dor
Romperam a História
Suportaram mitos
E vinganças...!!!
Não Inês de Castro
Tu flor de verde pinho
Amante inconformada
Ternura enamorada
Dom Pedro inacabado
Agarraste a eternidade...

AMOR D'UMA TRICANA

Rogério Afonso Silva

No penedo da saudade
Saudades, um dia deixei
Ao terminar o amor
Da Tricana que amei.

Arrufadas de Coimbra
São tão boas, ao comer
Os olhos d'uma Tricana
São bonitos, podem crer.

O amor d'um estudante
É amor, p'ra deitar fora
Toca a cabra, vai p'ras aulas
Findo o ano vai-se embora.

Da ponte de Santa Clara
Acredita, podes crer
Deitei ao rio, meu amor
P'ra não te fazer sofrer.

A Tricana quando ama
Ama forte, com razão
Brota amor, em torrentes
Da fonte do coração.

POEMAS & CONTOS

Maria Gonçalves

Já não sei rir como antigamente,
quando meus olhos sorriam
cativavam muita gente,
até com uma simples flor
quando eu lhes tocava
eu sorria, sorria e o seu odor
minha alma perfumava.
Minha boca quando sorria
e mostrava a alvura dos meus dentes,
sentia-me feliz e vaidosa,
pegava o sorriso aos presentes,
e todos riam sem saber porquê
talvez, por sermos inocentes!
Meu sorriso encantador
que não parava de sorrir,
dava-me uma liberdade
que embora sempre sorrindo
tudo em mim, era verdade.
A alvura dos meus dentes
juntamente com a simpatia,
julgava-me uma grande gente
mas eu sorria, sorria, sorria!

AMOR QUE NÃO COMEÇOU E JÁ TERMINOU

Zélia Chamusca

Você me desperta,
Me abraça,
Me beija,
Me afaga,
Fulminada,
Atingida pela seta
Do Cupido
Neste amor não surgido.
Me extasia
De sonho
Ébrio pelo aroma de Afrodite,
Em irreal fantasia
A que meu querer permite
E cede à tentação numa envolvência
De loucura e demência
Que me prende,
Em clímax que ascende,
Ao máximo de suas carícias,
Em meu corpo.
Minha alma se rende
Num êxtase profundo,
Cerrada no mundo
Num envolvimento emocional
Apenas,
Não carnal,
A acrescentar às minhas penas!...
Perdida num amor que não começou e já terminou...

LIBERDADE

Rogério Afonso Silva

Nas grades d'uma prisão
Está preso, por maldade?
Que mal fez, na ocasião
Para perder a liberdade?
Não roubou, nem ofendeu
Nem sequer algo matou!
Quem nas grades o prendeu
Sua liberdade roubou
Na rua, não pode andar
Só a vê, junto à janela
Nem sequer pode voar
Só a liberdade, é tão bela
Coitado do passarinho
Metido numa prisão
No seu poleiro, sozinho
Vivendo na solidão
Com outros p'ra acompanhar
Durante o dia cantando
No céu azul a voar
Queria viver, voando

CENTRAL TEJO SENTIDA

Jaime Quitério

Central Tejo,
à beira rio sentada,
tal como agora a vejo
dentro de mim sentida
O calor das caldeiras,
o zumbir das turbinas,
o ronco dos transformadores,
– golfinhos sobem o rio...
enquanto Lisboa dorme,
gente acordada
vigia o fogo das caldeiras,
gente esforçada
para que à cidade não falte
uma noite iluminada.
– golfinhos sobem o rio...
Logo, depois das sete,
virá gente de Alcochete,
carregar o carvão
que alimentará a combustão,
que fará o vapor,
que fará zumbir as turbinas,
roncar os transformadores,

./..

mover eléctricos, comboios,
fábricas e oficinas.
enquanto os golfinhos sobem...
Era assim a Central Tejo,
à beira rio plantada,
tal como agora a vejo,
dentro de mim sofrida,
com gente sacrificada...
meu princípio de vida!
– golfinhos sobem *o rio*...

CÂNTICO À EDP

Alfredo Martins Guedes

À luz do dia surgiste da Revolução,
Mas de parto saudável e natural.
Com perfeita estrutura e a função,
Para cumprires com orgulho a missão,
De iluminar todo este Portugal!
Se o país hoje está modernizado,
E claramente pelo interior se vê,
Foi obra do esforço denodado...
Da chama que chegou a todo o lado,
Transportada pela fada EDP!
Com teu forte e cintilante clarão...
Num altruísta gesto de vontade,
A teu modo libertaste meu irmão,
Arrancando-o da escuridão...
E lhe deste merecida felicidade!
Eu canto a tua gente e os seus brios...
De Alma bem lavada, e sempre cheia.
Com ousadia barrajou os bravos rios...
Enfrentando os perigosos desafios...
E da Vida foi fazendo uma epopeia!
Agora espalhas a nobreza e a classe
Pelos cantos deste vasto universo...
E se Camões ainda hoje cá morasse,
Talvez também ele te cantasse,
Em seu farto e fluente verso!

BRAVURA

Francisco Pedro Curado Neves

Ao pescador português
A bravura do mestre
bruxuleava entre as ondas
escamosas dos ventos
por entre mares bravios
Era a vida contra a natureza
incólume e fria
por traves do frágil barco
que teimava em resistir
Era o homem contra o mostrengo
no vendaval de vidas hesitantes
que mantinham hirtas e seguras
de través de pulso ímpio
O mostrengo rodava rodava
o pescador sorria na bravura
da pesca e teimava teimava
contra o perigo até à exaustão

OS SILÊNCIOS

João Cordeiro

O silêncio
Que nos desperta,
Em plena Madrugada,
Além de noites mal dormidas,
Deixa os sentidos alerta
E a mente povoada,
Das memórias esquecidas.
O silêncio
Que nos isola
No meio de multidões,
Questiona a vida que temos
Cheia de contradições,
E a forma como a vivemos.
O silêncio
Põe a nu a nossa vaidade
O bom e o mau que há em nós,
À nossa consciência dá voz
Mostra-nos que a nossa verdade
É apenas e só a nossa verdade.
O silêncio
Que questiona
A nossa consciência
Sobre as nossas fraquezas,
Mostra-nos os medos que temos,
O bem e o mal que fazemos,
Tudo é posto em evidência,
Mostra os nossos sentimentos.

./..

O silêncio

Saído do nada,

Seja de boa ou má sorte,

Elas andam de mão dada,

Envolve o fraco e o forte,

Seja na vida ou na morte.

O silêncio

É único e singular momento,

Confunde-nos o pensamento,

Confunde a mentira e a verdade,

Transforma a vida em tortura,

Que só termina na sepultura.

DESTRUIÇÃO

Rogério A. Silva

Porque choras tu criança
Que mágoa te consome
Qual será o teu desgosto?
Teus olhos verdes de esperança
Deixam deslizar as lágrimas
Em teu bonito rosto

Na ânsia do poder
O homem pensa em matar
Para a guerra poder fazer
O Mundo vai torturar

Pelo mal que não fizeram
Crianças vão sofrer
Em vez de Amor e Saúde
Sem saber vão morrer

Destruindo por prazer
Pensa o mundo conquistar
Inocentes vão morrer
Qual o prazer de MATAR

A VIDA TERÁ O VERDADEIRO SENTIDO

Zélia Chamusca

Se
Cada um de nós fizer uma auto-reflexão
Que nos conduza ao respeito mútuo
Numa perfeita comunhão;
Se
Nos aperfeiçoarmos
Num renovar permanente
Ascendente;
Se
Nos renovarmos
Ao ultrapassarmos
Cicatrizes e traumas;
Se
Nos dermos um ao outro
Numa entrega incondicional
Sendo flexível e maleável
Quando aconselhável;
Se
Nos desprendermos
de nós próprios
De nossas experiências
E vivências;
Se
Privilegiarmos
Os valores morais
E nos amarmos
Uns aos outros;
Se
Entre nós existir
Perfeita e harmónica comunhão
Em permanente ascensão.

SONHO

Zélia Chamusca

O sonho se esvai
Na chuva que cai
E corre para o rio
Deixando o vazio...

E, ele se recria,
É pura magia,
É um renovar,
Perene sonhar...

Eu vejo. além
Outro que ali vem,
Cor do firmamento,
É encantamento

A PROPÓSITO DO NATAL E DE MAIS UM ANO

Alonso

Mais um ano se passou
Com a graça do Senhor
Por isso eu aqui estou
Com muito carinho e amor
Porque às crianças eu dou
Coragem e muito valor
Porque elas são a esperança
Precisam da nossa confiança

Natal só é Natal
Quando a guerra não existir
Quando o bem vencer o mal
Com as crianças a sorrir
Numa ternura sem igual
O caminho que se vai seguir
Seja um gesto profundo
E a fome acabe no mundo

O Menino Jesus vai nascer
Na sua grande humildade
Vai nascer para morrer

Para salvar a humanidade
Por isso temos o dever
De o adorar de verdade
Para podermos um dia
Saborear a sua alegria

REENCONTRO

José Salcedas Rogeiro

Desenharam-se acenos
nos ares serenos
por quantos chegavam
ou já aguardavam,
ouviram-se nomes,
mas mais os sobrenomes,
iluminaram-se olhares
procurando-se nos ares,
estenderam-se braços
em forma de abraços,
brotaram perguntas
com respostas disjuntas,
acenderam-se memórias
ao correr das histórias,
evocaram-se ausentes
assim feitos presentes,
trocaram-se contactos
entre copos e pratos
dum almoço especial
cuja iguaria principal
teve o sabor da amizade
e os aromas da saudade
nesse dia vinte e três
do maio em que se fez.

EDP – A LUZ DE PORTUGAL

Alfredo Martins Guedes

Caminhava este País na escuridão,
Um negrume mais intenso que o breu,
Mas surgiste da libertadora Revolução,
E um luzeiro bem depressa se acendeu!
A esta terra algo avessa ao progresso,
Mais afoita no caminho do abismo...
Deste alma, deste luz e dinamismo...
Imprimiste-lhe tua Marca de sucesso!
Modernizaste teu solo-pátrio, já se vê,
Arrancaste-o à votada escuridão,
Numa luta contra o tempo, sem igual!
Teus irmãos olham p'ra ti, com gratidão,
Foste tu a grande obreira – oh! EDP,
Deste Luz a todo este Portugal!

TANTA MEDIOCRIDADE

Zélia Chamusca

Mediocridade irritante
que à minha volta ressoa,
é permanente, constante
em tanta, tanta pessoa.

É uma tristeza angustiante
difícil de digerir,
ver tanto ser que é pensante
não pensar e nem agir!

São mentes adormecidas,
são doentes e perturbadas,
que agem sempre convencidas
que são muito iluminadas.

Quando nelas surge a luz
da verdade inexistente,
erro fatal as induz
na incoerência permanente.

Tamanha patologia
de enorme mediocridade,
manifesta em cada dia,
é uma triste realidade!

A MINHA ALDEIA É PEQUENINA

Francisco Lopes Cabaço

É uma aldeia moderna, formalmente escoreita
Porque de formal e organizada em nada desmerece
Da urbe da antiga Roma, cem vezes refeita,
Para na ordem repor quem uma tal ordem esmorece;
Que, para os senhores da Aldeia, não são povo, são seita.

Nesta Aldeia, os senhores da Aldeia são uns senhores
Que a ordem, a justiça não desleixam;
Ao vizinho, ao amigo dispensam os favores
Que não regateiam, sabendo que sem retorno os não deixam
Porque esta é a sagrada Bíblia destes senhores.

Embevece o convívio dos senhores, no seu mundo tão redondo;
Tão estreito que as portas de entrada escasseiam.
E depois? Que mal há nisso? Se o chefe os vai pondo
Onde imperioso se torna, já que os méritos rareiam
Para que a ordem se preserve sem estrondo!

Há n'outro mundo méritos que furam tal gamão?
De excepcionais exemplos testemunhos haverá
Que na Aldeia não se eximem à sua contribuição,
Se bem que aos seus méritos, um mérito lhes faltará
De ao mundo redondo se tornar obediente cidadão.

Pacata e ordeira, a minha aldeia é pequenina,
Tão pequenina que dois mundos nela confinam;
Se aos teus hábitos, vestires hábito ou batina
Do melhor dos mundos que a esse mundo te arrima,
Que vida bela terás na minha aldeia pequenina!

A VIDA TEM QUATRO ESTAÇÕES

José Salcedas Rogeiro

Vivemos o tempo quatro vezes.

Como presente,
Que nos foge incessantemente.

Como passado,
Que já lá vai irremediavelmente.

Como futuro,
Que rapidamente
Se faz presente e passado.

Finalmente,
Como rasto do que fomos,
Uma memória,
Que lentamente
Se vai diluindo
E confundindo,
Até cairmos no esquecimento.

Passado,
Presente,
Futuro
E memória,
A vida tem quatro estações.

... AFINAL

Sílvia Balbau Santos Pereira

Fazer anos é descontar um ano de vida,
É acompanhar o relógio que não se cansa,
É pagar, a prestações, a viagem de partida,
É reviver o que nos vem à lembrança.
É ainda um bom ensejo
De ter a família reunida,
É falar aos mais novos da nossa vida,
É sentir o calor de um carinho ou um beijo.
Oitenta e sete anos, uma vida
De alegrias e sofrimento,
De incertezas latentes no pensamento,
Mas que valeu a pena ser vivida.

SER VELHO NÃO É DEFEITO

Maria Lourença Benavente

Para fazer poesia
nunca tive grande jeito
mas digo com alegria
ser velho não é defeito
Quero dizer aos governantes
com toda a sinceridade
que o velho não pode ser
um peso na sociedade
Com essas frases tão tristes
toda a gente te conhece
começa a falar verdade
que o nariz desaparece
Quando chegares a idoso
por via da natureza
ser velho não é defeito
mas uma grande riqueza
Esta palavra velhinho
quando é dita com respeito
há nela grande carinho
ser velho não é defeito

RETRATO

Casimiro Martins

Só do soneto sou amante certo.
Nos seus catorze versos cabe a vida
que vou vivendo, a mais apetecida,
com um tranquilo sonho em que desperto.

Se alguma vez poeta fui, a poesia
me conquistou nos braços de embalar.
Destas catorze linhas, a sonhar,
fiz a minha real fotografia.

Incógnito passei por este mundo,
viajante sem rumo e vagabundo,
tudo vivi na alma do soneto.

Espaço frágil, com rigor medido,
eu todo nele me vejo bem metido,
eu todo nele me vejo bem completo.

EU ESTIVE COM A VIDA

Fernando Perpétua

Farto de caminhar, atravesso o lameiro,
Chego à montanha.
Subo,
Vou subindo,
Venço os embirrões e as escarpas,
Transponho todos os obstáculos,
Ultrapasso todas as dificuldades
E quando finalmente chego ao cimo do monte,
Cansado,
Com o peito ofegante,
Olhos em brasa,
Com os cabelos em pé,
Vejo uma forma estranha
Que se configura numa agoirenta ave
Que no seu aspecto horrendo e tenebroso,
Babando sangue dos seus escravos,
Me diz:
– Porque te fiz subir
E tu subiste;
Vê se me encontras.
Aqui me tens!
Agarra-me!
Perante a minha estupefacção
Atira gargalhadas sarcásticas,
Abre as asas e deixa ver as suas chagas,
Rodopia

./..

E em constante mudança de cenário
Mostra-me as coisas vistas e nunca vistas;
Ouço o nunca escutado numa estranha sinfonia
De guerra medo e pavor.
Desaparece.
Corro,
Vou correndo na ânsia de procurar alguma coisa
Menos disforme,
Mais bela,
Mais consentânea com o meu ser
E nada encontro.
Exausto,
Desiludido,
Inicio a descida angustiado
Com o cheiro nauseabundo daquelas feridas cavernosas,
Aturdido com aqueles sons desumanos,
Descrente com aquela podridão,
Medito na degradação,
Na concupiscência,
No egoísmo,
Na decrepitude,
No tempo perdido, e
Já sem esperança que o amor nos salve,
Apetece-me gritar:
MEU PAI PARA QUE ME GERASTE!
MINHA MÃE PARA QUE ME CRIASTE!
MEU DEUS QUE FIZ EU PARA MERECER TODA
[ESTA ANGÚSTIA...
MAS SEI; QUE SEM TI, NÃO SOU NADA NEM
[NINGUÉM.

VELHICE

Amândio Marques

Tenho cabelo cor de neve
Que o tempo me foi pintando
Com umas pinceladas ao de leve
E outras tantas de vez em quando
O tempo tudo me trouxe
Sem eu nada lhe ter pedido
Agora zangou-se
E levou tudo que me tinha trazido
Trata-me agora por velho
Mas eu não fico zangado
Eu olho-me ao espelho
E vejo o tempo passado

GOTA PURA...

Aníbal Afonso

Era gota pura do temporal
que caiu no teu telhado.
Rolei
e sujei
o meu corpo mortal
da lama do pecado.

Fui flor.
Sou fruto...
duma árvore carregada
da imensa dor
estampada
no absoluto.

Já sou barro amassado
para a figura
que me vais esculpir.
Ergue-me do passado
e limpa a amargura
de que quero fugir!

E desse caminho espezinhado
pela agonia,
libertarás um dia
essa gota que, ao nascer,
caiu no teu telhado
para te pertencer!

AMOR É...

Ena Camelo

Amor é liberdade,
Amor é coração,
É virtude, é felicidade,
É tolerância, é acção.

Amor é ritmo, é cadência,
É constante, é novidade,
É renúncia, é paciência,
É virtude, é serenidade.

Amor é dedicação,
É vibração, é sintonia,
É energia, é paixão,
É serviço, é simpatia.

Amor é fogo que impregna
De calor a natureza,
Varre tudo e tudo serena,
Com ordem e pureza.

Amor é pleno, universal,
É o bem da humanidade,
É radiante, fundamental,
É poder, é unidade.

Amor é contentamento,
É sorriso, é alegria,
É calma, é movimento,
É firmeza, é harmonia.

./..

Amor é identificação,
É amizade, é delicadeza,
É verdade, compreensão,
É equilíbrio, é beleza.

Amor é luz, é lealdade,
É paz, é entendimento,
É música, é vontade,
É clareza de pensamento.

Amor é uma ventura,
É dar sem receber,
É estima, é ternura,
É puro bem-querer.

Amor é força que guia,
É mudança, é confiança,
Na luz fria do dia-a-dia,
É calor, é vida, é esperança.

HOMENAGEM AO ENG.º JOSÉ CUSTÓDIO NUNES

José Augusto Bagina

Mote

Neste Mundo sempre em mudança
Há quem te queira acompanhar
Sempre a correr e não se cansa
Constantemente a sonhar

I

Em novo andaste na 1.ª Grande Guerra
Onde se vêem, tantos a sofrer
E muitos, a vida a perder
Quando voltaste à tua terra
Já nada, depois te emperra
Completar a tua formação a esperança
Com essa vontade, tu voltas a França
Quando engenharia acabaste, tu voltaste
Tanto agora tu sonhaste
Neste mundo sempre em mudança

II

A Póvoa sempre na tua mente
Querias nela aplicar teu conhecimento
Era grande e dispendioso o investimento
Alentejo e no desenvolvimento,
A todos os níveis, das gentes da sua
terra, Póvoa e Meadas.
Mas tu eras inteligente
O dinheiro, tu havias de encontrar
Para que a obra pudesse avançar
Ele tanto corre e não se cansa
Chegado o dia a obra avança
Há quem te queira acompanhar

./..

III

Tanto cabouqueiro, tanto pedreiro
Num fazer sem parar
Até um dia, a obra acabar
Lá estava; o Custódio Nunes “o pioneiro”
Que um dia, sonhou ser engenheiro
Sempre, com a mesma esperança
Com outros projetos, ele avança
Sem nunca deixar de sonhar
Ele nunca mais vai parar
Sempre a correr e não se cansa

IV

Engenheiro Custódio Nunes; “o sonhador”
Com a empresa que tu criaste
Tantos de nós tu empregaste
Tu que também foste lutador
Te damos todo o valor
Te havemos a ti sempre recordar
Enquanto o tempo por nós passar
Foste um dos grandes do teu tempo
Nunca perdeste o alento
Constantemente a sonhar

TRÊS LETRINHAS APENAS

Francisco Lopes Cabaço

Mãe, Mãe, Mãe, um chamamento constante
Enquanto se cresce, se brinca, se adocece,
No turbilhão da vida que rola num instante.
E, aí chegados, logo o chamamento esmorece!

Mas a Mãe está, resignada, atenta, resiliente,
Porque o chamamento volta e sempre acontece
Sempre que na dor se espera um colo quente
Onde o bálsamo do amor, incondicional, não arrefece.

Porque do milagre da vida só ela sente, a Mãe,
Que é parte do seu corpo, o que no colo tem
E a dor da cria, sua dor é também.

A quem aqui verseja, falta arte, mas não mente
Quando, grato, exalta a condição de Mãe
E a todos exorta a um tributo permanente.

SEMENTE ...

P.º José Telmo Ferraz

Cada linha
Em cada página
Espera a hora
De viver ...
Cada letra é semente
Que na leira vai nascer!

Dia a dia,
Ano a ano,
Dura jorna,
Longa torna.
O que importa
Mais que tudo
É crescer.

MAMÃ PÕE NAS COSTAS

P.º José Telmo Ferraz

Mamã de Deus!
E nossa também.
Direi mesmo –
Nosso maior bem.
Mamã Muxima
Terna mãe –
Das mamãs de Angola.
Trouxeste o menino ao colo?
Ou envolto com arte
No pano – às costas?

Meninos de Angola
Nas costas das mamãs –
A embalar –
Ao ritmo dos corpos,
Nunca os vi chorar ...

Menino Jesus
S. José fez um berço
Para te embalar.
Nas lides de casa
A ir e a vir
Mamã põe nas costas
Para ele sorrir.

PICOTE

P.º José Telmo Ferraz

Fiquei sem vereda
Nos picões abruptos,
Que emergem da albufeira
Prateada

Impossível subir
Até ao cimo!
E descer não conduz
A nada...

Lá no alto, as abetardas
Desenham voltas e voltas –
Bem fechadas.
Se grito,
O eco vai partir-se
Nas rochas fendidas.

OUTRA VEZ E SEMPRE ANTÓNIO GEDEÃO

Jorge Castro

saber-se-á lá porquê
ou suspeitar porque não
ocorreu-me ao rés da voz
o António Gedeão
e a sua pedra lioz

não só por Álvaro Góis
ou por algum Rui Mamede
filhos de António Brandão
naturais de Cantanhede
mas pela graça infinita
contra a secura maldita
de viver sempre com sede
sede brava
sede bruta
que só com arte se educa
nem que seja ritmada
por pancada bem marcada
numa pedra
truca-truca

e vale de tanto esse encanto
que não cabe dor nem pranto
nem traz a gente maluca
truca-truca
truca-truca...

ah bravíssimo Gedeão
que de martelo e cinzel
base
fuste ou capitel
escopro de outra afeição
nos trouxe ao viver medonho
algo assim maior que o pão
por saber viver o sonho

pois dessa pedra lioz
tangida em artes de gente
lá tem anjos
lá tem sóis
tem um diabo demente
tem cometas
girassóis
meninas de caracóis
e algum deus onnipotente

e na planura terrestre
ingente
um rumor se escuta
que vai de leste a oeste
do chão à abóbada celeste
truca-truca
truca-truca...

trocando as voltas à vida
na espiral apeteçada
de ser Vida que nos preste

ah meu caro Gedeão
quão imensa a gratidão
pelo alento que nos deste
de erguer os olhos do chão
enquanto a pedra se educa
truca-truca
truca-truca
e a pedra bruta afinal
cresce ao céu
é catedral
porque entre o bem e o mal
um homem simples
normal
truca-truca
truca-truca
truca-truca
truca-truca...

CIDADE

José Gavina

No meio
Desta caudalosa multidão
Passeio,
Barco à deriva,
A minha solidão.

Na turbulência das ruas
Agora que anoitece,
Acendem-se as janelas
Como luas
E as montras brilham, pejudas,
Pálidas estrelas
Cheias de nadas,

Por tudo passo indiferente
Como num grande deserto,
Até de mim mesmo ausente
Neste caminhar incerto.

E seguindo sem destino
O curso da minha vida
Procuro em vão o menino
Que se perdeu no caminho
De uma ilusão destruída!

EU

Joaquim Afonso Pereira

Lembro-me quando em criança
O colinho do avô era todo meu
Da ternura e carinho que me deu
Foi a mais bela e pura herança

Ainda tenho na lembrança
No inverno ao lume eu ser só seu
Tantas vezes me adormeceu
Entre nós os dois era uma aliança

Que sempre durou até à sua morte
Nesse sentimento puro tive sorte
Os meus avós para mim foram tudo

Talvez por isso eu os tento imitar
Aos meus netinhos eu quero dar
Serem como eu fui, um sortudo.

A HIDOURO

António das Neves Pinheiro

A Hidouro foi uma folha verde
Que amareleceu
E reverdece com a nossa teimosia.
Com o mesmo fervor
Da idade do amor
Que nesse tempo em nós cabia.
A Hidouro fomos nós,
Porque nós somos a Hidouro.
A Empresa família,
A Empresa generosa,
O chiste, a graça radiosa,
A injustiça ultrapassada,
A mágoa passageira.
Os convívios de alma lavada
De uma democracia pioneira.
É de longe que a beleza
Deve ser apreciada?
Pois tomemo-la como mote,
Neste Picote
De horizontes e de esplendor,
De fragas que foram sacrários
Onde os operários
Encarnaram o Cristo Redentor
Do padre Telmo,
E a quem, no “Lodo e as Estrelas”,
Ele abriu janelas de Eternidade.
É esta a minha aguarela de saudade,
A indelével recordação
De uma afeição
Da mocidade.

HIDOURO

António das Neves Pinheiro

Um perfume, uma paisagem, um renque
de recomendações, é assim a nossa vida,
um nome, também; até mesmo uma despedida.
um tempo, um abraço,
um sonho, uma alegoria.
Um pergaminho feito de um espaço,
que a esperança, generosa, coloria.
No fundo, fomos nós a ilusão,
a dádiva perene, o amor, a mocidade.
A HIDOURO era o nosso coração,
e o nosso coração a sua identidade.

Jorge Castro

cada gotejar de chuva
trazia à calçada
as janelas
para que os edifícios da cidade
pudessem
enfim olhar
para o céu
olhos nos olhos



NATURAL MENTE

Jorge Castro

natural mente
tudo ocorre
assim
natural mente
e a vida a esquecer-se de alguém
natural mente
numa esquina da cidade empedernida
e recorrente
mas o natal do calendário
indiferente
vai chegando em cada ano solidário
natural mente

e quase ninguém dá por nada
natural mente



